

# ESTUDO TOPONÍMICO NO *LIVRO VELHO DO TOMBO DO MOSTEIRO DE SÃO BENTO DA BAHIA*: UMA CONTRIBUIÇÃO FILOLÓGICA

Flávia Daianna Calcabrine Vicente<sup>1</sup>

Mestrado em Língua e Cultura – UFBA  
dadadc@hotmail.com

## RESUMO

Faz-se uma breve exposição do estudo toponímico em manuscritos do *Livro Velho do Tombo do Mosteiro de São Bento da Bahia*, a partir da edição semidiplomática dentro do projeto de pesquisa *Edição semidiplomática do Livro Velho do Tombo do Mosteiro de São Bento da Bahia: segunda etapa*. O *Livro Velho do Tombo* é composto de documentos de teor jurídico que diz respeito a doações feitas aos monges beneditinos durante os anos de 1536 a 1732, salvaguardando aspectos culturais, sociais, históricos e geográficos. O levantamento e a análise da Toponímia permitem estudar esses aspectos, usando a teoria taxionômica de Maria Vicentina do Amaral Dick (1992). O presente artigo traz uma breve apresentação sobre o *Livro Velho do Tombo* e os recursos teóricos utilizados, a metodologia e os resultados parciais do estudo da Toponímia em andamento.

**Palavras-chave:** Livro Velho do Tombo. Mosteiro de São Bento da Bahia. Filologia. Toponímia.

## ABSTRACT

It is a brief paper about toponymy in the *Livro Velho do Tombo do Mosteiro de São Bento da Bahia* manuscripts, made from an semidiplomatic edition prepared in the project titled *Edição semidiplomática do Livro Velho do Tombo do Mosteiro de São Bento da Bahia: segunda etapa*. The *Livro Velho do Tombo* is composed by juridical documents related with donations made to the

---

<sup>1</sup> Orientadora: Profa. Dra. Célia Marques Telles.

Benedictine monks during the years 1536 to 1732, preserving the cultural, social, historical and geographic aspects. The survey and analysis of the Toponymy allow to study these aspects grounded in the Maria Vicentina do Amaral Dick's (1992) taxonomic theory. The following paper gives a brief presentation about the *Livro Velho do Tombo* and the theoretical used resources, the methodology and the preliminary results of the toponimic study in progress.

**Key-words:** Livro Velho do Tombo. Mosteiro de São Bento da Bahia. Philology. Toponymy.

## 1 INTRODUÇÃO

O *Livro Velho do Tombo* do Mosteiro São Bento da Bahia integra um dos acervos mais bem reconhecidos do país – uma das três únicas bibliotecas brasileiras tombadas pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Fruto de registros de doações aos monges beneditinos durante os anos de 1536 a 1732, contém em seus 215 fólios relatos de teor jurídico com inúmeras referências sociais, culturais, geográficas, históricas e políticas. São documentos notariais (testamentos, doações, registros, petições, reconhecimentos, autos de posse e cartas de sesmarias) que trazem fatos de língua do Brasil colonial, mas, principalmente, informações preciosas como a data em que foram exarados, nomes de pessoas e lugares contemporâneos ao período, alguns rituais de posse de terra, dados específicos que não se encontram facilmente em outros tipos de documentos.

O Projeto de Pesquisa *Edição semidiplomática do Livro Velho do Tombo do Mosteiro de São Bento da Bahia: segunda etapa*, do Programa de Crítica Textual do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, coordenado por Célia Marques Telles, propõe finalizar a edição semidiplomática do *Livro Velho do Tombo*, realizada na primeira etapa, concomitante a estudos paleográfico e linguístico, como: os de dêixis pessoal, o de estudo das abreviaturas, o de grafemático-fonético, o de dêixis temporal, o de toponímia e antroponímia. Centra-se, aqui, no recorte do projeto de pesquisa intitulado O

*Livro Velho do Tombo*: de Serigippe a Tituapara , em desenvolvimento, para o mestrado na Linha de Filologia Textual do Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura na Universidade Federal da Bahia.

Alia-se à Toponímia (subárea da Onomástica, ciência dos nomes próprios) – estudo dos nomes próprios de lugares ou acidentes geográficos– a “ciência antiga, resistente e versátil” que é a Filologia (CASTRO, 1995, p.520). O labor filológico é antigo e nasce eminentemente dialógico, visto que seu objeto, estudo da linguagem humana e seus registros escritos, é bastante heterogêneo e exige uma postura eclética e abrangente por parte do filólogo.

A Filologia enquanto Crítica Textual oferece condições favoráveis para o desenvolvimento de um estudo lingüístico relacionado à Toponímia nos manuscritos do *Livro Velho do Tombo*. Os topônimos aí presentes são vestígios importantes da língua e da cultura pertencentes aos estratos humanos que participaram da formação do povo baiano durante os séculos XVI, XVII e XVIII. Assim sendo, o vínculo entre Filologia e Toponímia torna-se fortemente necessário para o avanço de uma melhor compreensão do texto editado e para o avanço na construção do saber pertinente aos ditos períodos.

Sabe-se que os topônimos são marcas humanas de tempos idos, a princípio não documentadas, que estão vinculadas a diferentes motivações processadas durante o ato denominativo. Ao acionar um locativo, o denominador seleciona um fato gerador de sentido, que pode ser subjetivo ou coletivo, para identificar um lugar, registrando-o como um evento, como parte de uma memória popular. É devido aos aspectos lingüísticos e extralingüísticos envolvidos no ato denominativo que se desenvolve o estudo da motivação do signo toponímico.

## **2 A MOTIVAÇÃO TOPONÍMICA**

O signo lingüístico é definido por Saussure (1969, p.81) como a relação entre uma imagem acústica (significante) e um conceito (significado), sendo que o vínculo entre ambos não é natural, mas produto de um contrato social. Saussure afirma que o signo é arbitrário, não havendo uma relação de causa e efeito que motive a relação entre significante e significado. Entretanto, os

signos podem ser motivados, como afirma, com ressalvas, o mestre genebrino. Para ele, a motivação é relativa e se estabelece entre um signo e outros signos do mesmo sistema. Um exemplo é o termo "dezoito" que possui uma motivação relativa estabelecida pelo vínculo entre os dois termos "dez" e "oito" (SAUSSURE, 1969, p.152-155). Diferentemente, "o signo toponímico tem como característica principal a motivação semântica relacionada a aspectos sociais, culturais ou ambientais, que são levados em conta no ato de nomear acidentes físicos e humanos, tornando-se assim sua motivação" (LOPES, 2008, p.24).

Maria Vicentina do Amaral Dick (1992, p.16) assinala que "Em sua feição intrínseca, a Toponímia deve ser considerada como um fato do sistema das línguas humanas". A feição intrínseca de um topônimo diz respeito à sua filiação linguística e à respectiva pesquisa etimológica; a feição externa ou semântica à motivação toponímica. Os nomes próprios, antropônimos e topônimos, possuem como característica semântica: a função designativa (DICK, 1992, p.17). Esta função, de acordo com Ullmann (1964, p.153) é um conceito criado por John Stuart Mill, que apresenta o nome próprio como "marca de identificação" desprovida de significado. Os nomes próprios, em sua função designativa, simplesmente nomeiam uma pessoa ou algo, mas não lhe atribuem nenhum sentido ou atributo como pertencentes a estes indivíduos, ou seja, não exercem a função conotativa, característica dos nomes comuns. Enquanto os nomes comuns seriam unidades significativas, os nomes próprios, simples "rótulos".

Embora haja essa função designativa, as ciências onomásticas não podem aceitar com rigor essa característica. Tanto os topônimos como os antropônimos, ao lado de uma função identificadora, guardam em sua estrutura imanente uma significação precisa, mesmo que opaca, devido ao distanciamento de suas condicionantes tempo-espaciais (DICK, 1992, p.19).

Há, portanto, dois aspectos envolvidos no estudo da motivação toponímica (DICK, 1992, p.18):

1º - Considera-se a *intencionalidade* que, de forma objetiva ou subjetiva, elege um dado nome para este ou aquele acidente geográfico;

2º - Considera-se a *própria origem semântica* da denominação, seu significado transparente ou opaco, e suas diversas procedências.

Maria Vicentina do Amaral Dick (1992) propõe um estudo toponímico baseado em taxionomias que buscam organizar as causas motivadoras mais recorrentes da toponímia brasileira em diferentes taxes. As taxionomias explicitam, imediatamente, os motivos toponomásticos, através da formulação de uma terminologia técnica, composta do elemento "topônimo", antecedido de outro elemento genérico, definidor da respectiva classe onomástica (DICK, 1992, p.26). Sabe-se que as taxes são subdivididas em dois grandes campos: as taxionomias de natureza física ou natural e as taxionomias de natureza antro-po-cultural.

Assim, por exemplo, a taxionomia *litotopônimo* (topônimos de índole mineral, relativos também à constituição do solo) se enquadra nas taxionomias de natureza física e cultural, enquanto a taxionomia *hagiotopônimo* (topônimos relativos a santos e santas do hagiológico romano) encaixa-se no campo das taxionomias de natureza antro-po-cultural.

### 3 METODOLOGIA

A partir da edição semidiplomática dos documentos do *Livro Velho do Tombo*, faz-se o levantamento toponímico para constituição do *corpus* de estudo. O índice dos documentos e de assuntos da edição do *Livro Velho do Tombo* (1945), feito pelos monges beneditinos da Bahia, auxiliará também o processo de levantamento dos locativos. A primeira consulta ao Índice não excluirá a busca minuciosa por meio da leitura de documentos.

A ordenação desse *corpus* consiste na classificação dos topônimos em 26 taxes que permite uma aferição objetiva de causas motivadoras dos designativos geográficos por parte de quem as consulta. Por exemplo, o cromotopônimo *Rio Vermelho*, conforme sugere o enunciado da taxe, tem sua motivação relativa à escala cromática, às cores que o lugar deve, ou melhor, deveria possuir ou evocar (Ficha toponímica 2). Entretanto, para classificar este ou aquele topônimo em determinada taxe não basta uma dedução

superficial da causa motivadora, é mister desenvolver uma pesquisa enciclopédica e, às vezes, etimológica a respeito do fenômeno toponomástico, para precaver-se de uma classificação arbitrária e movediça. Assim, a análise toponímica segue as seguintes etapas:

- a) Levantamento toponímico;
- b) preservação das variantes gráficas encontradas para cada um;
- c) identificação dos acidentes que os topônimos designam;
- d) datação do(s) documento(s) em que se encontra o topônimo;
- e) localização e contextualização do topônimo no documento;
- f) definição da estrutura morfológica do topônimo
- g) identificação da origem lingüística de cada topônimo (Língua Portuguesa, indígena, ou africana);
- h) localização geográfica atualizada de cada topônimo (quando possível);
- i) classificação do topônimo em taxes;
- j) Consideração do nome específico do sintagma denominativo, terminologia técnica proposta por Dick (1992). Assim, o elemento a ser analisado será aquele que efetivamente denomina o acidente humano ou geográfico;
- k) pesquisa bibliográfica para estudo da motivação do ato denominativo;
- l) disponibilização dos resultados em CD;
- m) registro dos topônimos em fichas catalográficas (conforme os resultados abaixo) que atenderão à necessidade de consulta objetiva por parte de qualquer pesquisador.

## EXEMPLOS DE FICHA TOPONÍMICA

### EXEMPLO 1:

FICHA TOPONÍMICA 1			
TOPÔNIMO	Pirajá	TAXIONOMIA	Zootopônimo
DOC. E DATA	Sentença de compozissam e dessistencia (...) 102v (1652)		
LOCALIZAÇÃO	Salvador		
ACIDENTE	Bairro		

ORIGEM	1) Palavra indígena derivada de PIRÁ (peixe) + YÁ (viveiro), significando "ceva de peixe", "lugar de muito peixe, piscoso".
INFORMAÇÕES HISTÓRICAS	"Este rio de Pirajá é muito farto de pescado e marisco de que se mantém a cidade e fazendas de sua vizinhança, no qual andem sempre sete ou oito barcos de pescar com redes, onde se toma muito peixe, e no inverno em tempo de tormenta pescam dentro dele os pescadores de jangadas dos moradores da cidade e os das fazendas duas léguas à roda, e sempre tem peixe de que se todos remedeiam" (SOUSA, 2000, p. 108).
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	justaposição de <i>Pirá</i> "Peixe" + <i>Yá</i> "Viveiro"
CONTEXTO DOCUMENTO	NO "...ealguñs moradores da quellafreguezia dePirajá..." (131v)

EXEMPLO 2:

FICHA TOPONÍMICA			
TOPÔNIMO	RIO VERMELHO	TAXIONOMIA	Cromotopônimo
DOC. E DATA	fl.28v; 48v (1578)		
LOCALIZAÇÃO	Salvador, Bahia		
ACIDENTE	Rio (hidrográfico)		
ORIGEM	Portuguesa		
INFORMAÇÕES HISTÓRICAS	<p>Pensava-se que o nome Rio Vermelho fosse a tradução do termo tupi 'Camurujipe'. De acordo com Edelweiss (DÓREA, 2006, p.56) o nome geográfico Camurujipe existe, mas o nosso rio Vermelho não era denominado Camurujipe pelos índios, mas Camarajipe . Camará ou cambará é uma flor vistosa de matizes amarelo-vermelhos, que deram o nome português ao Camarajy dos índios, por atapetarem as suas margens. A tradução literal de Camarajipe é, pois, rio dos Camarás. O nome português remete, portanto, à cor predominante das flores que margeavam o rio. Este topônimo possui o sentido primitivo descritivo, pois advém da característica que, pragmaticamente, identificou o acidente geográfico. Hoje, as águas do afluente do Rio Lucaia estão extremamente poluídas, transformando-o em um esgoto a céu aberto, entre as avenidas do Largo da Mariquita. O rio está morto e não justifica mais a homenagem concedida pelos tupinambás.</p>		
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Simples		
CONTEXTO NO DOCUMENTO	Fl. 28v: "(...) e nam sabe onde seja o Caminho velho se nam a estrada que uai para o Rio Vermelho e vem da Cidade (...)”		

#### 4 RESULTADOS

Até a presente etapa do projeto foram analisados 33 topônimos, dentre esses, 18 de origem portuguesa e 15 topônimos de origem indígena. Ainda, não foi encontrado registro toponímico de origem africana nos documentos. Dos 15 topônimos indígenas, 14 estão entre as taxionomias de natureza física



e somente um se enquadra nas taxionomias de campo antro-po-cultural. Dos 18 de origem portuguesa, apenas seis enquadram-se nas taxionomias relacionadas à natureza física, ficando as demais nas classificações do campo antro-po-cultural. Segue, então para cada grande campo que subdivide as taxes:

a) um quadro com a classificação geral dos topônimos até agora levantados;

b) alguns esclarecimentos de ordem etimológica para uma breve compreensão da classificação dos topônimos.

#### 4.1 TOPÔNIMOS CLASSIFICADOS COM AS TAXIONOMIAS DO CAMPO NATUREZA FÍSICA:

As taxionomias de natureza física ou cultural utilizadas para classificação do *corpus* levantado são seis: HIDROTOPÔNIMOS: topônimos resultantes de acidentes hidrográficos em geral; LITOTOPÔNIMOS: topônimos de índole mineral, relativos também à constituição do solo; FITOTOPÔNIMOS: topônimos de índole vegetal, espontânea ou não, em sua individualidade ou em conjuntos de mesma espécie, ou não; ZOOTOPOÔNIMOS: topônimos de índole animal, domésticos ou não; CROMOTOPÔNIMOS: topônimos relativos à escala cromática. GEOMORFOTOPÔNIMOS: topônimos relativos às formas topográficas como elevações, colinas, depressões do terreno, formações litorâneas, entre outras.

A predominância dos topônimos de origem indígena nas taxes de campo natureza física deixa transparecer a relação entre cultura, língua e povo. A motivação toponímica para nomes de origem indígena está diretamente relacionada à realidade que circundava o autóctone, a natureza e seus componentes compunham o cenário em que viviam e no qual se constituía socialmente. Bragança Júnior (1992, p.1) relata como os topônimos remontam a relevância cultural do ambiente físico para esses povos:

“Esta relação concreta com a realidade que o cercava levava o índio a denominar o lugar onde se instalava, na medida em que o topônimo estava intrinsecamente ligado a uma característica marcante do local, estando essa correlacionada ao reino vegetal, mineral ou animal. A toponímia autóctone, partindo dessa premissa, seria o resultado lógico das vivências e necessidades

dos nativos, que associavam a uma idéia acidentes geográficos, nomes de plantas, animais e quaisquer outros elementos importantes e marcantes para a cultura indígena, idéia aquela expressa então por palavras.”

#### 4.1.2 Quadro com a classificação geral dos topônimos de natureza física

Zootopônimos	Hidrotopônimos	Litotopônimos	Geomorfotopônimos	Cromotopônimos	Fitotopônimos
Cotegipe	Iguape	Tapagipe	Passe	Rio Vermelho	Capanema
Jacuípe	Rio Pojuca	Ilha de taparica	Pernambuco		Jaqueriçá
Pirajá	Rio da Cachoeira	Itapoan	Bahia de Todos os Santos		Rua do Genipapeiro
Jagoaripe		Rio das Pedras			
Matoim		Rio dos Seixos			

Quadro 1: Classificação dos topônimos em taxionomias de natureza física e natural.

#### 4.1.3 Esclarecimentos de ordem etimológica para uma breve compreensão da classificação dos topônimos

1- Cotegipe: a) Palavra indígena derivada de *coti* ou *acuti* (cotia) + *iy* ou *y* (rio) + *pe* (no, em, caminho), significando “no rio das cotias” (o mesmo que COTEJIPE ou COTIGYPE). b) Palavra indígena derivada de *cuati* + *yb*, ou seja “o bebedouro dos cuatis” (SAMPAIO, 1995, p.198).

2- Iguape: Do tupi *yguá-pe*, significando no lagamar, na bahia fluvial (SAMPAIO, 336). Faz referência ao relevo hidrográfico a que o topônimo designa.

3- Tapagipe: Hoje conhecida por *Itapagipe*, o topônimo é formado por justaposição de: *itá*, ‘pedra’, + *peba*, ‘plana, chata’, + *ü*, ‘rio’, + *pe*, ‘em’, correspondendo a ‘no rio da laje’ (RAMOS, 1999, p.102), onde ‘laje’ equivale a pedra plana, chata’. O sentido deste nome sugere a descrição do acidente geográfico.

4- Passé: De acordo com Sampaio (1955, p.261) o designativo origina-se de “*apassé* ou *yapassé*, como se vê nos velhos documentos do século XVI. *Ya-passé* ou *a-passé* significa – coisa destacada ou separada, de alusão a

pequenino ilhéu de forma pyramidal, destacado de terra firme, existente no local. Bahia.”

5- Capanema: Sampaio e Silveira Bueno (apud RAMOS, 1999, p.71) apontam o seguinte étimo para esse designativo: a justaposição<sup>1</sup> de *kaá*, ‘mato’, *panema*, ‘ruim, imprestável’, significando assim ‘mato ruim, imprestável, madeira fraca’. O topônimo expressa, originalmente, uma relação semântica com a flora encontrada no local.

6- Jacuípe: Palavra formada por uma justaposição de lexemas tupi, e seu étimo *iaku*, ‘jacu’, + *ü*, ‘rio’, + *pe*, ‘em’, equivale a ‘no rio dos jacus’, relacionando originalmente o topônimo às áreas semânticas dos acidentes geográficos e da fauna (RAMOS, 1999, p.128).

7- Pojuca: Este topônimo pode ter duas interpretações: a) *apo-juca*, raiz podre; b) *ypu-juca*, fonte de água podre, fonte não potável. (TIBIRIÇÁ, 1985, p.99)

8- Itaparica: Ramos (1999, p.102) levanta um significado interessante para esse topônimo: Em língua tupi, formada pela justaposição de *ita*, ‘pedra’ + *ari*, ‘acima, por sobre’, + *kaa*, ‘mato’, a expressão “itaparica” significa “o mato por cima da pedra”. Bem distinto do difundido significado “cerca de pedra”<sup>1</sup>. A ilha foi descoberta em 1º de novembro de 1501 por Américo Vespúcio, juntamente com a Baía de Todos os Santos.

9- Pernambuco: Sobre esse topônimo, Sampaio (1955, p.262) traz a seguinte etimologia: “paranã-mbuca, o furo ou entrada do laga-mar; allusão à brecha natural do recife por onde o lagamar se comunica com o mar. O nome *paranambuca* era commum na costa do Norte, no trecho della tomado pelos recifes, e o sentido que os índios lhe davam era o de furo, entrada, passagem natural aberta na muralha do recife.”

10- Jequiriçá: conforme Ramos (1999, p.113), a palavra é formada pela justaposição de *îki*, ‘o alicerce, a base, a raiz’ + *r*, consoante de ligação, + *eçá*, ‘olho’, significa “o olho da raiz”, o que a liga à área semântica da flora.

11- Jagoaripe: Ortografia atual *Jaguaribe*, formada pela justaposição dos lexemas tupi *yaguara*, ‘onça, jaguar’, + *ü*, ‘rio’, + *be*, ‘em’; significa ‘no rio do jaguar’ (RAMOS, 1999, p.110). Este topônimo parece originalmente relacionado à fauna do acidente geográfico em questão.

12- Matoim ou Matuim: ma-tui, a coisa pequena, insignificante. É o nome de uma ave dos mangues (Charadrius), também chamada maçarico. (SAMPAIO, 1955, p.247).

#### 4.1.4 Gráfico 1

Como se pode observar no gráfico abaixo, as causas motivadoras mais produtivas, representando 25% (cada uma) de um total de 20 topônimos, são os zootopônimos e os litotopônimos. Em seguida, estão as taxionomias geomorfotopônimo, hidrotopônimo, fitotopônimo, com um percentual de 15%, cada. Por fim, a taxionomia de menor percentual, 5%, é o cromotopônimo.

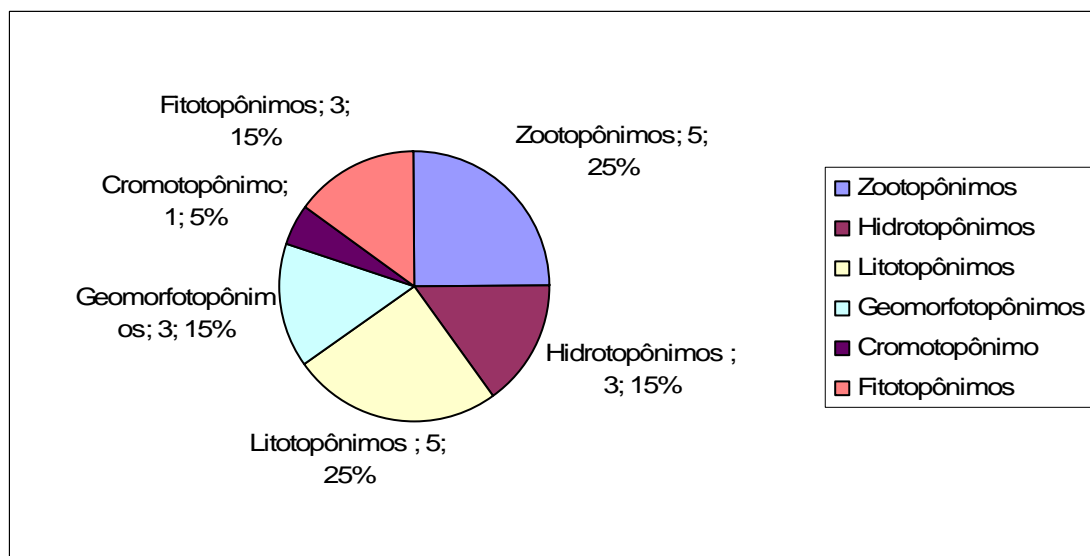


GRÁFICO 1: Percentual das taxionomias de natureza física ou natural.

#### 4.2 TOPÔNIMOS CLASSIFICADOS COM AS TAXIONOMIAS DO CAMPO NATUREZA ANTROPO-CULTURAL

As taxionomias de natureza física ou cultural utilizadas para classificação do *corpus* levantado são seis: HAGIOTOPÔNIMOS: topônimos relativos a santos e santas do hagiológico romano; ANIMOTOPÔNIMOS: topônimos relativos à vida psíquica, à cultura espiritual, abrangendo todos os produtos do psiquismo humano; ANTROTOPÔNIMOS: topônimos relativos aos nomes próprios de indivíduos; ERGOTOPÔNIMOS: topônimos relativos aos elementos

da cultura material; SOCIOTOPÔNIMOS: topônimos relativos às atividades profissionais aos locais de trabalho e aos pontos de encontro dos membros de uma comunidade; HODOTOPÔNIMOS: topônimos relativos às vias de comunicação rural ou urbana. Em um total de 14 topônimos, apenas um, é de origem indígena, sendo os demais de origem portuguesa.

#### 4.2.1 Quadro com a classificação geral dos topônimos de natureza antro-po-cultural

Hagiotopônimo	Animotopônimo	Antrotopônimo	Hodotopônimos	Ergotopônimo	Sociotopônimo
Bairro de São Bento	Caminho da Contenda	Porto de Beltasar Ferraz	Marapé	Rua do Guindaste	Porto dos pescadores
Freguesia de N. S <sup>a</sup> da Piedade		Vila do Pereira ou Povoação de Pereyra			
Igreja Nossa Senhora da Graça					
Resifes de N <sup>a</sup> S <sup>a</sup> da Conceição					
Terras de São Francisco					
Rua N <sup>a</sup> S <sup>a</sup> da Ajuda					
Forte Santo Antonio da Barra					

Quadro 2: Classificação dos topônimos em taxionomias de natureza antro-po-cultural.

#### 4.2.2 Esclarecimentos de ordem etimológica para uma breve compreensão da classificação dos topônimos

1- Marapé: Palavra indígena derivada de *mbará-apé*, o caminho do mar ou que leva ao mar. Vasconcellos (Chronica, parte I, pgs. CVI) descreveu esse caminho, na Bahia de Todos os Santos, como feito de areia sólida e pura, do comprimento de meia légua, pelo mar a dentro (SAMPAIO, 1955, p.246).

#### 4.2.3 Gráfico 2

Conforme o gráfico a seguir, o *corpus* apresenta uma causa motivadora majoritária representada na taxionomia hagiotopônimo, com um percentual de 53% das ocorrências. Em segundo lugar, estão os antrotopônimos com 15%. As demais taxionomias, sociotopônimos, ergotopônimos, hodotopônimos e

animotopônimos, encerram um percentual total de 36%, cada uma, portanto, com 8%. Ainda que esses sejam resultados parciais, já se pode observar uma forte tendência de motivação religiosa e de valorização da figura humana para o ato designativo. Esse fator revela um pouco sobre as características da mentalidade do período a que os designativos pertencem, uma sociedade que ainda não se desvinculou politicamente da influência eclesiástica, mas em fase de emancipação, visto que a figura humana é o segundo fator motivacional para estabelecimento dos nomes de lugares.

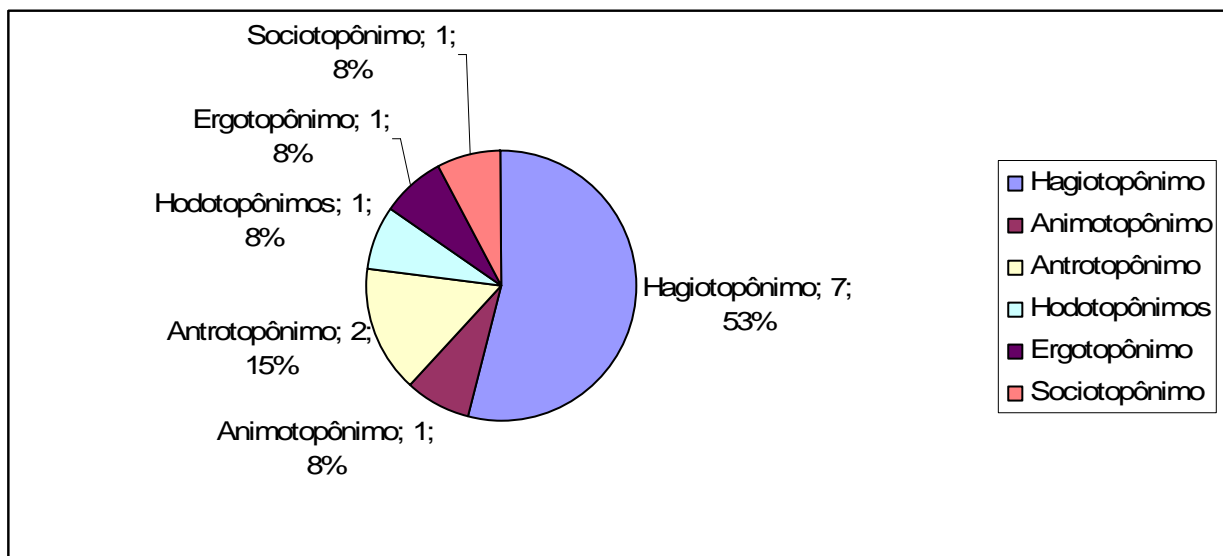


GRÁFICO 2: Percentual das taxionomias de natureza física ou natural.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os manuscritos do *Livro Velho do Tombo* do Mosteiro de São Bento da Bahia salvaguardam conteúdos de indescritível valor para a compreensão da história e composição das terras baianas, seu povo e sua língua. A Filologia permite o resgate dessa memória a partir do estudo responsável e comprometido com os interesses das diversas áreas do saber que se debruçam sobre o texto, seja ele antigo ou moderno. Portanto, o presente trabalho representa uma parcela da contribuição que esses preciosos documentos oferecem quando submetidos a uma análise filológica subsidiada por estudo em Toponímia. Os resultados parciais relatados já permitem a apreciação do valor histórico, cultural e linguístico trazidos pelos fenômenos toponomásticos tanto de origem indígena, quanto de origem portuguesa.

## REFERÊNCIAS

- BRAGANÇA JÚNIOR, Álvaro Alfredo. *A morfologia sufixal indígena na formação de topônimos do Estado do Rio de Janeiro*. 1992. Dissertação (Mestrado em Filologia Românica.). Faculdade de Letras da UFRJ, Rio de Janeiro, 1992. Disponível em: < [http://www.filologia.org.br/pub\\_outras/sliit01/sliit01\\_29-48.html#\\_ftnref3](http://www.filologia.org.br/pub_outras/sliit01/sliit01_29-48.html#_ftnref3) >. Acesso em: 10 jul. 2009
- CASTRO, Ivo. 1995. O Retorno à Filologia. In: PEREIRA, Cilene da Cunha; PEREIRA, Paulo Roberto Dias. *Miscelânea de estudos lingüísticos, filológicos e literários 'in memoriam' Celso Cunha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. p.511-20.
- CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. 1986. *Dicionário de lingüística e gramática*. 13.ed. Petrópolis: Vozes,.
- DICK, M<sup>a</sup> Vicentina de Paula do Amaral. 1992. Toponímia e Antroponímia no Brasil. *Coletânea de estudos*. 3. ed. São Paulo.
- LIVRO VELHO DO TOMBO DO MOSTEIRO DE SÃO BENTO DA CIDADE DO SALVADOR. 1945. Bahia, Brasil: Tipografia Beneditina.
- LOPES, Divenia Maria. 2008. *São João Batista da Glória: estudo dos topônimos das regiões, microrregiões e da zona rural*. 2008.143f. Dissertação (Mestrado Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. Disponível em: <[www.teses.usp.br/teses/disponiveis](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis)>. Acesso em: 09 Jul.2009.
- RAMOS, RICARDO TUPINIQUIM. 1999. *Nomes próprios de origem Tupi no Brasil do século XIX*. 1999. 184 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia. 1999. Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso
- SAMPAIO, Theodoro. 1955. *O tupi na geografia nacional*. 4 ed. Salvador: Fundação Gonçalo Moniz.
- SAUSSURE, Ferdinand de. 1969. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix/Edusp.
- SOUSA, Gabriel Soares. 2000. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Editora Massangana. p.108.
- TAVARES, Luís Henrique Dias. 2001. *História da Bahia*. São Paulo: Editora UNESP; Salvador: EDUFBA.
- TIBIRIÇÁ, Luís Caldas. 1985. *Dicionário de topônimos brasileiros de origem tupi: significação dos nomes geográficos de origem tupi*. São Paulo. Editora Traço.

ULLMANN, Stephen. 1964. *Semântica*: uma introdução à ciência do significado. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 577 p.